



AMOR SOLITÁRIO: UMA ANÁLISE DENTRO DA PERSPECTIVA DO GÊNERO

SOLITARY LOVE: AN ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF GENDER

Débora H. SOUZA¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o de explorar representações de homens e mulheres acerca do relacionamento amoroso. Um estudo de caso incluindo entrevistas semi-estruturadas com dez participantes (cinco casais) foi realizado. Os dados foram obtidos através da análise do discurso das dez entrevistas. Os resultados desta pesquisa apontaram para diferenças importantes entre homens e mulheres na forma como estes representam o relacionamento amoroso. Por exemplo, os homens enfatizam a necessidade de espaço e liberdade e um medo de se sentirem dependentes emocionalmente de suas parceiras. As mulheres, por outro lado, lutam por uma independência financeira e emocional, mas admitem ainda adotar comportamentos de dependência emocional e sacrifício para preservar o relacionamento. Essas diferenças são aqui analisadas à luz do contexto sócio-histórico atual que encoraja uma transformação dos papéis tradicionais de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, relacionamento amoroso, análise do discurso.

ABSTRACT

This research is aimed at exploring men's and women's representations of romantic relationships. A case study including semi-structured interviews with ten participants (five couples) was conducted. The data were analyzed using Discourse Analysis. The results of this research suggest important differences in men's and women's representations of their romantic relationships. For example, men seem to emphasize the need for space and freedom, as well as fear of feeling emotionally dependent on their partners. On the other hand, women struggle for financial and emotional independence but they admit that they still adopt behaviors which reflect emotional dependence and sacrifice so as to preserve the relationship. These differences are analyzed in the light of the current social and historical context which encourages changes in traditional gender roles.

KEY WORDS: gender, love, discourse analysis.

INTRODUÇÃO

Lembro-me de uma discussão entre moças, de que eu fazia parte. Personagem amoroso, por excelência, a moça-clichê da sedutora atraente que mistura prazer, desejo e ideais nesse braseiro que ela chama apaixonadamente “amor”- não deixa de ser um índice dos mais intensos de verdade e de eternidade. Tratava-se de saber se, ao falar de amor, falávamos da mesma coisa. E de que coisa? Dizendo-nos apaixonadas, revelávamos aos nossos namorados o verdadeiro teor de nossas paixões? Nada mais duvidoso, porque, quando eles se declaravam por sua vez apaixonados por nós, não tínhamos nunca a certeza do que isso significava, exatamente, para eles.

A ingenuidade de um tal debate esconde talvez uma profundidade metafísica ou, pelo menos, lingüística. Para além da revelação- uma a mais- do abismo que separa os sexos, essa interrogação insinua que o amor seria, de qualquer forma, solitário, porque incomunicável.” (Kristeva, 1988: 23)

¹Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), debhsouza@uol.com.br

O relacionamento amoroso é um tema constantemente tratado por músicos, poetas, escritores e filósofos, mas durante muito tempo foi rejeitado como objeto de investigação científica. Zick Rubin (1988: p.vii), no prefácio do livro “The Psychology of Love”, lembra o discurso de Harry Harlow para a American Psychological Association em 1958, no qual ele afirma que “os psicólogos fracassaram em sua missão. O pouco que sabemos sobre o amor não transcende a simples observação, e o pouco que escrevemos sobre ele tem sido mais bem escrito por poetas e escritores”. Quase meio século depois, observa-se que um número crescente de pesquisadores, principalmente na área das ciências humanas e sociais, investiga o tema e esse interesse recente provém de duas importantes constatações.

Em primeiro lugar, o relacionamento amoroso é um fenômeno que atravessa culturas e que é socialmente estruturante porque é freqüentemente relacionado à idéia de casamento ou união e, conseqüentemente, à reprodução. Em segundo lugar, a relação amorosa é um locus privilegiado para analisarmos as relações de gênero, que, por sua vez, imprimem marcas no desenvolvimento psicológico do sujeito.

Nos últimos vinte anos, vários estudos investigaram o relacionamento amoroso (ou as relações conjugais) e as expectativas de homens e mulheres acerca do mesmo, contribuindo, portanto, para um maior entendimento das relações de gênero neste contexto (Neves, 1987; Bystronsky, 1991; Alencar, 1993; Moraes, 1994; Coelho, 1996; Féres-Carneiro, 2003; Araújo e Scalon, 2005; Perlin e Diniz, 2005; Priore, 2006). O que estes estudos parecem indicar é que mesmo após inúmeras conquistas femininas e mudanças significativas nos papéis sociais assumidos por homens e mulheres, alguns aspectos do relacionamento amoroso moderno permanecem inalterados. Por exemplo, a responsabilidade pelo cuidado dos filhos e da relação ainda está mais associada às mulheres (Araújo e Scalon, 2005; Coelho, 1996).

Há um consenso também entre os pesquisadores interessados no tema de que homens e mulheres expressam necessidades e expectativas diferentes. As mulheres cultivam mais o afeto, através do qual podem nutrir e serem nutridas (Neves, 1987) e demandam mais investimento na relação e menos comodidade por parte dos seus parceiros (Féres-Carneiro, 2001; Perlin e Diniz, 2005). Finalmente, um número significativo de mulheres ainda vive a dicotomia entre seus planos profissionais, sua independência e os valores tradicionais, como casar, ter filhos e constituir família (Araújo e Scalon, 2005). As mulheres buscam sua autonomia, liberdade e direitos iguais, mas ainda se sentem inseguras na relação afetiva. Muitos homens, por outro lado, ainda sentem-se apreensivos com relação à mulher independente e confiante (Alencar, 1993; Moraes, 1994).

As observações acima são cruciais para a nossa compreensão das diferenças entre homens e mulheres na forma como representam o relacionamento amoroso. Resta, entretanto, perguntar sobre a origem destas representações e expectativas.

Para Chodorow (1978; 1989), uma das principais representantes da Teoria das Relações Objetivas, o fato de que são as mães as responsáveis pelo cuidado dos filhos exerce uma influência central no processo de construção da identidade de gênero e, conseqüentemente, na forma como homens e mulheres amam. Para Chodorow, há diferenças típicas na relação mãe-filho e mãe-filha, no período pré-edípico. Para que os meninos possam construir sua identidade de gênero, é necessário haver um corte nesta relação mãe-filho. Para as meninas,

entretanto, porque são do mesmo gênero que suas mães, esta necessidade não existe, o que leva a uma identificação primária, uma simbiose muito mais forte no caso delas (Chodorow, 1989).

Gilligan (1982) lembra, também, que as mulheres não apenas se definem em um contexto de relacionamento humano, mas elas também se julgam de acordo com a sua capacidade de cuidar. É a ética do cuidado que regula o comportamento moral das mulheres: elas se preocupam e percebem as necessidades e sentimentos dos outros, demonstrando um cuidado e responsabilidade nos seus relacionamentos que os homens não apresentam. Segundo a autora, esta ética é consequência do fato de que as mulheres assumem, geralmente, o papel de mãe em seus relacionamentos, ou seja, da que cuida e protege.

Chodorow (1994) argumenta ainda que a maioria das meninas procura criar, em seus relacionamentos amorosos, um diálogo emocional interno com suas mães. Os homens, por outro lado, desenvolvem um tipo de personalidade baseada na repressão do afeto e em uma negação da conexão com as outras pessoas. Isto faz, portanto, com que eles tenham a intimidade nos seus relacionamentos amorosos e se mostrem distantes emocionalmente enquanto as mulheres buscam a proximidade.

Incontestavelmente, fazer generalizações sobre a forma como homens e mulheres amam é uma tarefa complicada. Corre-se o risco de, ao se fazer tais generalizações, cair em uma armadilha: a de se estabelecer diferentes expectativas ou "duplos padrões de competência, desempenho e desenvolvimento moral" (Lasch, 1999: 143). Uma das críticas mais contundentes à teoria das relações objetais provém "do seu literalismo, do fato de basear a produção da identidade de gênero e a gênese da transformação em estruturas de interrelação relativamente pequenas" (Scott, 1995: 81). É claro que uma atenção especial aos aspectos culturais e sociais que influenciam as representações de homens e mulheres sobre o relacionamento amoroso é necessária. No entanto, desconsiderar o papel das relações primárias na constituição da identidade também pode se tornar um equívoco.

A pesquisa apresentada neste artigo representa, portanto, uma tentativa de se explorar o tópico sob a ótica dos estudos de gênero levando em consideração ambas as dimensões: individual e social. A partir da análise de material coletado em entrevistas com homens e mulheres vivendo a experiência de um relacionamento, objetivou-se avançar um pouco mais nessa discussão, tentando identificar as possíveis origens das representações de cinco casais acerca do relacionamento amoroso.

MÉTODO

SUJEITOS

Cinco casais heterossexuais foram recrutados para participar na pesquisa. Cartazes foram afixados em várias unidades de uma Universidade localizada na cidade de Belo Horizonte, requisitando voluntários para participarem em uma pesquisa sobre o relacionamento amoroso. Os pré-requisitos eram:

- ser universitário (a) ou ter completado o ensino superior;
- estar vivendo um relacionamento amoroso com também universitário(a) ou pessoa que tenha completado o ensino superior;
- acordo do parceiro(a) para ser também participante na pesquisa.

A maioria dos participantes pertencia às classes A e B² segundo o critério ABA/ABIPEME (Cotrim, 1998) e a idade variava entre 21 e 32 anos. Oito pessoas entraram em contato com a pesquisadora e, dentre elas, cinco (assim como seus parceiros ou parceiras) foram selecionadas.

*Sly e Alfredinho*³

Na época da entrevista, Sly realizava um curso na área de ciências exatas em um país da Europa, onde tem parentes (sua família é de origem européia), mas estava de férias no Brasil. Alfredinho fazia um curso na área de ciências econômicas. Sly tinha 21 anos e Alfredinho tinha 23. Conheceram-se em um clube, durante uma competição esportiva. Os dois já tinham completado 3 anos e 6 meses de relacionamento.

Alice e João

Alice tinha 24 anos e era formada na área de ciências biológicas e João tinha 22 anos e estava realizando a sua graduação na área de ciências humanas e sociais. Eles se conheceram na universidade; eram colegas de classe. Tinham 1 ano e 2 meses de relacionamento quando foram entrevistados.

TINA E ANDRÉ

Tina e André conheceram-se também na universidade, mas começaram a namorar no baile de formatura dele. Namoraram por quase quatro anos e já estavam casados há 2 anos e 6 meses. Ambos tinham 29 anos e ambos eram formados na área de ciências exatas, embora tivessem feito cursos universitários diferentes. Ela estava realizando um curso de Mestrado e ele já tinha um emprego fixo.

CARLOS E ANDRÉA

Andréa trabalhava como técnica na área de ciências biológicas e ao mesmo tempo, era estudante de graduação na área de ciências humanas e sociais. Ele era profissional na área médica e estava fazendo Mestrado também na sua área. Conheceram-se quando ela ainda estava no ensino médio, e tinha que fazer um trabalho sobre AIDS e teve que procurar a ajuda da instituição onde ele trabalhava. Os dois namoravam há 6 anos, e moravam em casas separadas. Ela tinha 25 anos e ele tinha 32. Algum tempo depois da realização das entrevistas, terminaram o namoro.

LORELEY E ULISSES

Loreley tinha 22 anos, e Ulisses tinha 23. Loreley nasceu em um país da América Latina. Ela veio para o Brasil 5 anos antes da entrevista com o objetivo de fazer um curso universitário e os pais continuaram morando no país em que ela nasceu. Ambos se conheceram na universidade, porque faziam o mesmo curso (na área de ciências humanas) e participavam de movimento estudantil. Namoravam há 3 anos e moravam juntos. Alguns dias antes de realizar a entrevista com os dois. Loreley aceitou o pedido de casamento de Ulisses e ficaram noivos.

² Apenas um dos entrevistados pertencia à classe C.

³ Nomes fictícios foram criados pelos próprios entrevistados para se evitar a identificação dos mesmos.

PROCEDIMENTOS

ENTREVISTAS

Os dez participantes foram entrevistados individualmente pela pesquisadora. As entrevistas foram abertas e semi-estruturadas. As perguntas tiveram por objetivo direcionar a fala dos sujeitos no que diz respeito a suas concepções de amor, relacionamento, do (da) parceiro (a), assim como a sua concepção do outro sexo (de como ele [ela] acredita que o outro sexo representa o amor, relacionamento, etc.). Entrevistas de devolução foram também realizadas. Apenas um entrevistado não quis marcar um horário para a entrevista de devolução.

RESULTADOS

A partir da análise do discurso dos sujeitos nas entrevistas (Maingueneau, 1993), alguns temas foram selecionados e estes contribuíram para uma maior compreensão de como estes cinco homens e mulheres representam o amor e o relacionamento amoroso.

O COMPARTILHAR

Pelo menos metade dos nossos entrevistados utilizou-se do verbo “compartilhar” para designar o que chamam de amor; quando amam, podem compartilhar os “sucessos e insucessos”, “ganhos e perdas”, “coisas boas e coisas ruins”, um “futuro”. Estas são palavras pronunciadas tanto por homens como por mulheres. É, portanto, uma representação não marcada pelo gênero. Para as mulheres, no entanto, este “compartilhar” parece incluir algo maior do que simplesmente dividir ideais, sonhos ou o “futuro”. Amor, para estas mulheres, significa “querer estar junto o tempo todo”, “querer sentir o que o outro está sentindo” ou “sentir todas as emoções juntos”, é “querer estar grudada na pessoa o tempo todo”.

Os homens entrevistados, por outro lado, enfatizam uma identificação com a parceira, uma empatia entre os dois, um “querer estar juntos”, porém não na mesma dimensão ou intensidade trazida pelas mulheres. Os homens querem compartilhar, dividir, apoiar e se sentir apoiados, mas, como disse João, é um “compartilhar nas horas certas”. Eles querem estar juntos, mas precisam preservar sua liberdade e privacidade para fazerem coisas sozinhos. Ao invés de ser um “querer estar junto o tempo todo”, eles falam em um querer estar junto “sempre que possível”.

João parece ser, entre os homens, o que mais demonstra um desejo de liberdade, de poder fazer coisas sem a presença da parceira, como sair com os amigos, por exemplo, coisa da qual não abre mão. De fato, a maioria dos nossos entrevistados homens enfatiza a questão da liberdade e da independência, enquanto as mulheres se queixam da falta de intimidade dos homens, ou de sua ausência, evidência esta que corrobora a teoria de Chodorow (1978) e Gilligan (1982).

A liberdade exigida pelos homens se refere exatamente a uma liberdade de ação, ou seja, poderem fazer o que querem sem precisarem dar satisfação a alguém sobre o que estão fazendo e por quê, não receberem ordens e

não gostarem que digam o que devem fazer e como deve ser feito. Temos como exemplo desta posição dos homens o caso de Alfredinho que se recusa a ir a lugares com a namorada se ele não estiver com vontade de ir.

Além de focalizarem na liberdade como essencial em seus relacionamentos, os homens apresentam também uma forma diferente de conceber a intimidade. Eles a definem como intimidade sexual ou como um “amplo conhecimento mútuo”, como diz Alfredinho. Esta intimidade, entretanto, não pode implicar em sacrificar sua privacidade e individualidade. Por exemplo, Alfredinho afirma que faz questão de que sua parceira seja uma pessoa independente. Para ele, amar implica em se conhecer muito bem a pessoa amada, mas implica também em se respeitar os seus sonhos e desejos, e as diferenças. A idéia da dependência, financeira e emocional, é desagradável sob qualquer forma, partindo ela do homem ou da mulher:

Eu tenho que... gostar das idéias da pessoa, entendeu? Os sonhos que a pessoa tem, as coisas que ela quer fazer da vida... entendeu? É algo meio egoísta, mas tem que ser alguém que tem futuro próprio dela... entendeu? É uma pessoa assim, ó...ela tem as próprias idéias, ela tem o que fazer, ela sabe o que fazer, ela tem os próprios sonhos, sabe? Porque eu acho que tem que ter uma independência. Mas num... relacionamento, né... a pessoa, ela, ela tem que ter a vida dela. Eu não quero alguém pra viver a minha vida. Inclusive, nunca aceitei isso, entendeu? Alguém pra viver a minha vida... entendeu? Eu acho bom quando a pessoa vem também... viver a sua vida.

Ulisses também expressa muito bem a diferença entre homens e mulheres sobre a concepção de intimidade quando comenta sobre a questão da privacidade. Segundo ele, para Loreley, a intimidade se expressa por não existirem barreiras de nenhum tipo entre os dois, ou seja, é como se o um e o outro fossem um só; para ele, a intimidade se expressa também no direito de ter alguns momentos de completa privacidade:

Por exemplo, eu sou uma pessoa muito reservada, às vezes, né? Tem horas que eu gosto de entrar no banheiro e fechar a porta, sabe? Ou então passar horas na frente do computador, trabalhando, né? (...) Inclusive, essa tranqüilidade até pra poder fechar a porta a hora que eu quiser, né, é, pra mim, uma maneira de dizer “Eu te amo”, entendeu? Porque eu não me sinto na obrigação de fazer sala pr’ocê, entendeu?(...) É uma coisa engraçada. Às vezes, eu não vejo muito a coisa por aí, né? Às vezes, pra mim, demonstrar ou mostrar essa intimidade quer dizer... a nossa intimidade é tão grande que eu tenho tranqüilidade suficiente justamente pra entrar no banheiro e fechar a porta quando eu quiser. Quer dizer, eu, às vezes, acho que ela, muitas vezes, não entendeu isso da mesma maneira que eu... entendeu?

O SACRIFÍCIO

A maioria das mulheres entrevistadas mostra que ainda trazem enraizadas em suas identidades a idéia do sacrifício. Embora elas se revoltam contra o modelo de mulher oferecido pelas mães, ou seja, o de uma pessoa passiva, submissa, dona-de-casa, que se sacrifica em nome do casamento e dos filhos, em vários momentos, acabam adotando atitudes e comportamentos que representam a abnegação. Por exemplo, Tina e Alice admitem, hoje em dia, a possibilidade de abdicarem de seus planos profissionais em nome de seus relacionamentos.

Tina disse que percebeu que realmente amava André quando ela começou a abdicar de alguns planos profissionais para estar perto dele. Ela afirma que a profissão era sempre sua preocupação principal, mas agora, o casamento é que tem prioridade.

Eu cheguei à conclusão de que não tenho coragem mais de arrumar emprego em uma outra cidade. A gente sabe muito casal que mora... encontra final de semana etc e tal, mas eu não tenho essa coragem. Não, eu não consigo. Ele estava viajando igual doido desde janeiro. Eu... fico... assim, acabada. Morro de saudades...

Alice, por sua vez, ressentida também o fato de que está deixando de lado coisas importantes da sua vida, como família, amigos para ficar do lado de João, enquanto ele não faz isso por ela. Ela admite que apesar de ter seus sonhos profissionais, e de querer ser uma pessoa independente financeiramente, é dependente dele no sentido emocional. Por isso, não aceitou uma oportunidade de estudos que lhe foi oferecida em outro estado. Ela reconhece também que apesar de não ser isso que ela almeja, ela acaba se identificando neste aspecto com a sua mãe:

A semelhança que pode ter é essa tendência minha de ficar igual à minha mãe, de largar as coisas dela por causa da família, por causa dele. Realmente, eu tenho essa tendência. Brigo contra ela porque ideologicamente, eu não concordo. Mas dói, dói muito.

Os homens, entretanto, não parecem vincular a idéia de amor à de sacrifício. Aliás, este parece ser um conflito comum apresentado pelos casais, especialmente, entre Alice e João e Andréa e Carlos. Elas se “sacrificam” em nome do relacionamento, e querem que eles façam o mesmo. Eles, por sua vez, não abrem mão de algo que consideram importante por causa de suas companheiras, como o trabalho e os amigos, a não ser em ocasiões em que elas estejam realmente precisando deles ou de sua ajuda. Alfredinho também pode ilustrar claramente esta posição quando comenta sobre suas diferenças em relação a Sly:

E, às vezes, eu pego um final de semana que eu quero ficar em casa. Eu não quero sair não, eu quero ficar em casa...entendeu? E, imponho mesmo. “Oh, eu não quero sair”. Se eu saio, eu saio de bom humor, né? Mas tem dia que eu não ’tou de bom humor, e ‘Oh, não quero e não vou sair’, entendeu? E ela sente muito isso, entendeu? Que, às vezes, ‘Nó, não, quero fazer isso aqui’, eu falo ‘Não, não vou’, entendeu?

Apesar de se colocarem como pessoas que não se sacrificam pelas parceiras ou por qualquer outro, eles valorizam e admiram o sacrifício delas em nome do relacionamento, como é o caso de Carlos que considerou uma “prova de amor” o fato de Andréa ter permanecido com ele mesmo na época em que ele estava viajando muito tendo ela que superar a saudade e a solidão. Esta idéia de sacrifício também se encontra no discurso de João, que considerou também uma prova o fato de Alice ter desistido de uma oportunidade boa de estudos em um outro estado porque ela não queria ficar longe dele.

A SEPARAÇÃO

Três mulheres, Sly, Alice e Tina, afirmam que perceberam que amavam seus parceiros quando uma separação se tornou iminente. É como se diante da perspectiva da separação, elas tomassem consciência da dimensão dos seus sentimentos, uma vez que passam a sentir também o sofrimento que esta acarreta. Sly, por exemplo, fala deste momento:

Bem, eu acredito muito na teoria de que você sempre percebe as coisas quando as coisas não existem mais. (...) porque, quando foi se aproximando o mês da minha ida, eu fui sentindo cada vez mais que eu ia sentir muita falta dele e tal, que ele já tinha se tornado prioridade pra mim. (...) Foi muito difícil pra mim ir embora. Eu fiquei tão mal, assim (risos) que eu falei: ‘Não, com certeza, eu amo essa pessoa, porque eu não ficaria tão mal por uma pessoa que eu não amo.

Alice diz também que percebeu que amava João quando teve que fazer uma viagem de um mês a trabalho, e à medida que a hora da viagem ia se aproximando, ela ia sendo tomada de uma grande angústia; pensou em inventar desculpas pra não ir, mas como já tinha assumido o compromisso, ela resolveu ir assim mesmo. Ao comentar sobre o momento em que percebeu que amava André, Tina cita como marcante um Reveillon que passou com ele em uma cidade em que estava trabalhando. Tina e André passaram uns quatro dias juntos, mas na hora da despedida, ela “não conseguia parar de chorar de largá-lo”.

Os homens, por outro lado, aparentam não ter tantas dificuldades com o momento da separação. Carlos, por exemplo, relata um determinado momento como muito doloroso para ela, o que o surpreendeu, pois ele não se sentia assim:

Teve uma vez que eu fiz uma viagem pra fora, e ela... chorou pra caramba no aeroporto e tudo mais e assim, se fosse eu, não ia ter... claro, eu ia ter saudade e tudo mais... aí, eu não sei se é por característica minha... de ser talvez mais seco... ou alguma coisa assim, entendeu? Então, acho que a coisa, pra ela, é mais de toque, talvez ela seja mais sensível. (...) Mas em termos de entrega, por exemplo, é igual. Acho que a gente se entrega o mesmo tanto um... ao outro, né?

Um outro exemplo dessa diferença é o trazido por João. Ele tinha planos profissionais traçados, e entre eles, estava o de realizar um curso de pós-graduação fora do país e esta possibilidade assustava muito mais Alice do que ele:

Ela depende mais de estar junto do que eu. Eu vou pensando em voltar. Vou pensando em voltar com ela, vou na possibilidade de encontrar de três em três meses, qualquer trabalho que for. Não penso.... não um rompimento total. Acho que é difícil, mas eu acho que dá pra suportar essa distância, se aquele investimento tem que fazer hoje. Ela não. Ela tem, ela...necessita mais do contato físico, de estar perto. Ela tem uma dependência maior disso do que eu. Eu acho que a principal diferença é essa. Mais apego ao contato físico.

O HOMEM E A MULHER ATUAIS

A principal característica dos relacionamentos amoroso atuais, segundo os entrevistados, é a de que estes se tornaram mais igualitários, em grande parte, devido às conquistas femininas. Alguns participantes também citam como característica dos homens e mulheres atuais uma “desorientação”. Para Alice, esta desorientação provém de uma indefinição de papéis, causada justamente pela conquista da mulher do mercado de trabalho. Alice considera, assim, o relacionamento homem-mulher atual bem mais complicado porque “antes, um só mandava, um só impunha, agora, pelo menos aparentemente, os dois tentam se impor”. De uma certa forma, ela faz uma apologia do relacionamento tradicional porque, segundo o seu modo de pensar, não havia essa confusão de papéis e todo mundo sabia como agir enquanto homem e enquanto mulher.

Carlos fala também dos “efeitos colaterais” das conquistas femininas, e discute possíveis conseqüências negativas decorrentes delas, apesar de se considerar um homem que sempre torceu pelas mulheres. Ele diz reconhecer que como tradicionalmente se cobra das mulheres as tarefas de casa, torna-se difícil a tarefa de

trabalhar e ser mãe ao mesmo tempo. Ele levanta a hipótese de que, como consequência disso, “os filhos estão perdendo os pais”.

Apesar de alguns acreditarem que este período recente de maior igualdade entre homens e mulheres tenha os seus efeitos negativos, parece que o modelo da mulher “mãe e dona-de-casa” não atrai mais os homens e sim o modelo que está se configurando atualmente. Inclusive, todos eles, de um modo ou de outro, dizem fazer questão que as suas companheiras se sintam realizadas profissionalmente e que consigam ter uma vida independente. E não é só o papel tradicional feminino que está sendo questionado, mas o masculino também. A idéia de que o homem deve ser o provedor, sempre valente, que não pode ser sensível e delicado, também está sendo questionada.

Mesmo com todas estas mudanças de papéis, os nossos entrevistados acreditam que ainda existe muito “machismo”, e os homens ainda continuam “controlando” muito e as mulheres “se submetendo muito”, como diz João. A questão da divisão das tarefas domésticas, por exemplo, ainda se coloca como um problema. Por mais que os homens tenham começado a participar mais ativamente, grande parte deles se restringe ainda a “ajudar” suas companheiras (ARAÚJO & SCALON, 2005; COELHO, 1996).

Finalmente, encontramos também nos discursos dos homens a possibilidade de se pensar de uma forma diferente o relacionamento atual entre homens e mulheres, relacionamento este que apresente uma distribuição de poder equilibrada entre os sexos. Ulisses acha que os homens estão caminhando para a superação das diferenças de poder, mas que este é um processo de aprendizagem e que eles só vão conseguir aprender com a solidariedade - não com a ajuda - das mulheres.

DISCUSSÃO

Serge Moscovici (1984), na introdução do livro “Psychologie Sociale”, afirma que a Psicologia Social é, essencialmente, a ciência do conflito entre o indivíduo e a sociedade. Ele advoga também a existência de um “olhar psicossocial” que se traduz por uma leitura ternária dos fatos e relações. Segundo ele, a “sua particularidade é de substituir a relação a dois termos de sujeito e de objeto, herdada da filosofia clássica, por uma relação a três termos: Sujeito individual- Sujeito social- Objeto” (Moscovici, 1984: 09). E ele ainda vai mais além dizendo:

Na verdade, a psicologia social analisa e explica os fenômenos que são simultaneamente psicológicos e sociais. Tal é o caso das comunicações de massa, da linguagem, das influências que nós exercemos uns sobre os outros, as imagens, e os signos em geral, as representações sociais que nós partilhamos, e assim por diante. Que nós queiramos mobilizar uma massa de homens, lutar contra os preconceitos, combater a miséria psicológica devido ao desemprego ou à discriminação, com certeza maior que a miséria econômica, nós temos sempre que falar do individual e do coletivo solidários, e mesmo indiscerníveis. É ao olhá-los assim que nós ensinamos psicologia social, permanecendo fiel à sua vocação entre as ciências. (Moscovici, 1984: 13)

Incontestavelmente, não se pode tentar compreender as representações dos entrevistados sobre o relacionamento amoroso sem considerar as dimensões sociais e psicológicas dessas representações. Quando

falamos do individual, estamos falando também do social e vice-versa. Quando falamos da representação de cada um dos entrevistados, estamos falando de indivíduos específicos, com características e conflitos particulares, mas cujas crenças e experiências são indissociáveis das influências do contexto sócio-histórico atual.

O objetivo do trabalho aqui apresentado foi exatamente este: falar da representação de alguns homens e mulheres sobre o amor e o relacionamento amoroso, mas tentando compreender, ao mesmo tempo, quem são esses sujeitos que representam esse objeto de uma forma ou de outra e quais os determinantes sociais de tal diferença. Pretendia-se pensar assim o sujeito social e o individual que representa o fenômeno do relacionamento amoroso.

Os dados aqui apresentados forneceram apoio para a hipótese de que homens e mulheres representam o relacionamento amoroso de formas diferentes. Os homens entrevistados parecem apresentar um sentido de individuação e separação mais fortemente enraizado enquanto as mulheres apresentam uma necessidade maior de manter um vínculo contínuo e harmonioso com seus parceiros. Esta diferença, segundo Chodorow (1978), provém de um fato social e cultural: as mulheres ainda são as principais responsáveis pelo cuidado com os filhos.

A chamada era “pós-moderna” apresenta, de fato, uma série de valores e crenças que começaram a ser questionados, o que, por sua vez, afetou as relações afetivas. A mudança principal advém do fato das mulheres terem emergido enquanto “sujeitos” da história e da humanidade, lutando contra a discriminação e exigindo seus direitos. A maioria dos nossos entrevistados apresenta um discurso de ruptura com os valores da geração de seus pais, sendo que todas as mulheres falam em realização profissional e a maioria dos homens fala em uma distribuição mais igualitária de poder entre homens e mulheres. Estas mudanças, também podem gerar, a médio ou a longo prazo, uma outra transformação: fazer com que o cuidado com os filhos seja uma tarefa igualmente partilhada por homens e mulheres. Segundo Chodorow, isto mudaria, definitivamente, a forma como eles e elas viveriam as questões de individuação e conexão.

Entretanto, apesar de algumas conquistas e transformações, ainda encontramos indícios de julgamentos e comportamentos bastante tradicionais. O momento atual parece ser um período de transição no qual homens e mulheres estão repensando suas próprias identidades, mas, por enquanto, ainda lutam contra o modelo fornecido pelos pais, o modelo da família conjugal moderna, representado pelo homem “chefe de família”, e a mulher dona-de-casa, responsável pelo cuidado da casa, dos filhos e do seu bem-estar, e, ao mesmo tempo, dependente financeira e emocionalmente deste homem (Araújo e Scalon, 2005). Conseqüentemente, os homens e mulheres entrevistados apresentam um conflito básico que permeia seus relacionamentos: querem viver uma relação de igualdade e liberdade, mas ainda estão presos ao passado, incorporado na figura e no modelo de seus pais, na questão da necessidade de conexão das mulheres e no medo da intimidade dos homens.

Um dos argumentos apresentados neste artigo é o de que o relacionamento amoroso seria um lugar privilegiado para estudarmos as relações de gênero, e, conseqüentemente, as relações de poder entre homens e mulheres. Estudos como estes permitem que se lance um olhar sobre esta relação que parece tão ambivalente

entre amor e poder. Entretanto, é interessante observar que, apesar de todos os conflitos e desencontros decorrentes das diferenças acima mencionadas, estes homens e mulheres pós-modernos estão, verdadeiramente, em busca de um entendimento, em busca de um amor não solitário.

AGRADECIMENTOS:

Este artigo foi baseado na dissertação de Mestrado da autora. A autora agradece ao CNPq pelo apoio durante a realização deste projeto; à Lúcia C. de Albuquerque Williams pelos comentários, à Sandra Azerêdo pelo seu belo trabalho de orientação e à Alzira Schuller P. Barbosa (in memoriam) pelo encorajamento e inspiração.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Heloísa Modelem de. Depoimentos de Amor: um estudo sob a Ótica Feminina. 1993. Dissertação de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 190 p.
- ARAÚJO, C. & SCALON, C. 2005. Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- BYSTRONSKY, Brendali. 1991. A Liberação dos Costumes e suas Conseqüências sobre os Relacionamentos Amorosos Heterossexuais. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 132 p.
- CHODOROW, Nancy. 1978. The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the sociology of gender. Berkeley, CA: University of California Press.
- 1989. Feminism and Psychoanalytic Theory. Yale University Press: New Haven.
- 1994. Femininities, Masculinities, Sexualities: Freud and Beyond. Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky. 132 p.
- COELHO, Sônia Vieira. 1996. Além de Dois: Representações de Gênero na Comunicação do Casal. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 326 p.
- COTRIM, Sérgio P. de Queiroz. 1988. Contato Imediato com Pesquisa de Propaganda. São Paulo: Global Editora, Apêndice I: O Critério ABA/ ABIPEME. p: 135-141.
- FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). 2001. Casamento e família: do social à clínica. Rio de Janeiro: Nau.
- FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). 2003. Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas. São Paulo: Loyola.
- GILLIGAN, Carol. 1982. Uma Voz Diferente: Psicologia da Diferença entre Homens e Mulheres da Infância à Idade Adulta. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos. 190 p. (orig. inglês 1982).
- LASCH, Christopher. 1999. A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 207 p.
- MAINGUENAU, Dominique. 1993. Análise do Discurso. Campinas: Editora da UNICAMP.
- MELLO, Josefina L.P. Lobato. 1994. A Gestão do Amor: Domesticação e Disciplina. Tese de Doutorado em Antropologia. Brasília: Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, 279 p.
- MORAES, Noely Montes. Sapos não viram Príncipes: uma abordagem das perspectivas amorosas de mulheres contemporâneas. 146p. 1994. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- NEVES, Siloé Pereira. Homem, Mulher e Medo: Metáforas da Relação Homem-Mulher. 2ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987. 199 p.

- PERLIN, G. & DINIZ, G. 2005. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica* 17 (2): 15-29.
- PRIORE, M. D. 2006. *História de Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- RUBIN, Zick. Preface In: STERNBERG & BARNES (eds.). 1988. *The Psychology of Love*. New Haven and London: Yale University Press. p. vii-xii.
- SCOTT, Joan. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20 (2): 71-99.

Artigo recebido: 26/08/07

Artigo aprovado: 23/11/07